
UMA ABORDAGEM SOBRE EDUCAÇÃO

AMBIENTAL*

Carmem Silvia Lopes de Paiva

Técnica em Educação Ambiental da Secretaria do Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de Uberlândia

Na década de 70 vamos assistir ao que se convencionou chamar de "O despertar da consciência ecológica no mundo". Vários fatores levaram a isso, contudo podemos destacar um que contribuiu sobremaneira para a aceleração desse processo: os resultados obtidos pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT) quando da elaboração do Relatório do Clube Roma. Essa pesquisa foi encaminhada por um grupo de empresários italianos (daí a denominação "Clube de Roma") ao MIT, visando detectar as condições do meio ambiente ao nível mundial.

Os resultados obtidos, embora questionados por vários setores, geraram em boa parte da sociedade grande apreensão e a certeza de que providências urgentes deveriam ser tomadas. Nesse período proliferaram a criação de entidades ambientalistas, organizações geralmente de caráter independente, podendo fazer parte delas indivíduos dos mais diversificados setores da sociedade. Essas entidades visam esclarecer seus membros, e a comunidade como um todo, sobre os problemas ambientais mas, sobretudo, se constituem em fortes grupos de pressão junto a grandes poluidores, atuando de forma efetiva na cobrança de soluções por parte destes.

Frente a essa nova postura da sociedade, governos de todo o mundo se viram obrigados a dar respostas a esses questionamentos que ora se intensificavam. Permanecer à margem desse processo seria no mínimo um gesto que poderia redundar em algumas perdas políticas. Essas respostas, mesmo que de profundo teor demagógico, começaram a surgir. No Brasil vamos assistir a criação, em 1976, da Secretaria Especial de Meio Ambiente, encarregada, a partir de então, de traçar uma política ambiental para o país. Dentre as metas traçadas por ela encontra-se a proposta de desenvolver projetos de educação objetivando promover uma mudança de comportamento da sociedade frente às questões ligadas à natureza. Partindo dessas proposições, oficializa-se o que se convencionou chamar de Educação Ambiental atuando basicamente em duas frentes: a formal, a ser desenvolvida dentro das escolas e a informal, atingindo a comunidade como um todo.

A estratégia central de atuação nas escolas se constitui em introduzir nas disciplinas já existentes conteúdos que tratem da questão ecológica privilegiando nesse contexto a interdisciplinariedade, já que meio ambiente não é objeto de estudo restrito apenas a uma ou duas

* Artigo publicado no Jornal Periódico diário Triângulo, de Uberlândia, em 7/6/88.

ciências. Porém, devido ao caráter compartimentado que marca a formação de todos os profissionais (incluindo os ligados à educação), essa proposta não tem sido viabilizada com êxito. O que pode ser observado são apenas algumas tentativas, que tem no máximo tratado a questão multidisciplinarmente, ou seja, várias disciplinas abordam o tema de maneira individualizada, não conseguindo uma interagir com outras. Contudo existem trabalhos onde a interdisciplinariedade tem acontecido, mas são experiências pontuais, não chegando, portanto, a se constituir uma regra.

A Educação Ambiental informal é um pouco mais complexa, na medida em que o público a ser atingido é bem mais amplo, tendo cada seguimento características muito específicas. Considerando esses aspectos, as estratégias de atuação irão variar de acordo com a necessidade de cada grupo.

Porém é ingenuidade pensar que quando se entra numa comunidade (quer seja ela urbana ou rural) apenas o debate, a discussão ou a informação prestada sejam suficientes para levar adiante o trabalho de "conscientização".

A comunidade geralmente espera retorno imediato, já que suas expec-

tativas são criadas em torno de elementos mais concretos, não bastando, portanto, respostas teóricas. Essa postura deve-se, talvez, ao fato de que nem sempre são eles os agressores do meio, mas pelo contrário, são os que sofrem as conseqüências da exploração desigual da natureza.

A fórmula que caracteriza esse processo não difere daquele que rege todo o nosso sistema, ou seja, "o benefício de poucos e o conseqüente prejuízo de muitos". Daí ser um engano supor que se pode ensinar a esses indivíduos apenas a não agredir o meio ambiente. Junto com essas informações devem vir outras que forneçam subsídios para que eles possam se localizar no espaço onde vivem, e perceber com clareza e discernimento o que realmente ocorre ao seu redor. Contudo a prática de educação ambiental não deve ser confundida com um remédio para todos os males do ambiente. Esse argumento muitas vezes usado em seminários, debates etc, serve apenas para escamotear na maioria das vezes uma falta de disposição real para se resolver problemas que não podem aguardar a gradual mudança de postura de uma sociedade que ainda nem sequer tem resolvidos os problemas mais prementes ligados à sua sobrevivência.